



## ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

### **MEMORIAL DO CONVENTO**

A construção do Convento de Mafra, a cumprir uma promessa de D. João V, o espectro da Inquisição, o mistério dos poderes mágicos de Blimunda e o seu amor a Baltasar Sete-Sóis, o projecto da passarola voadora, do Padre Bartolomeu de Gusmão, e o povo trabalhador e humilde dão corpo a esta obra. Com as memórias de uma época, reinventando a História pela ficção, José Saramago constrói um romance histórico, mas simultaneamente social ao fazer a análise das condições sociais, morais e económicas da Corte e do povo.

*Memorial do Convento* privilegia a caracterização de uma época que contrasta pelos excessos (demasiada riqueza/extrema pobreza; frequente devassidão/grandes penitências; etc.) e que mantém contemporâneas muitas das temáticas a nível social e humano (opulência/ miséria; poder/opressão; sagrado/profano; amor ausente/amor sincero e fantástico; o sonho; etc.).

#### **I – Contextualização**

*Memorial do Convento* evoca o período da história portuguesa respeitante ao reinado de D. João V, no século XVIII, procurando uma ponte com as situações políticas de meados do século XX. Reescreve essa época de luxo e de grandeza da Corte de Portugal, que procura imitar o esplendor da Corte francesa do *Rei-Sol*, Luís XIV (reinado de 1643-1715). O poder absoluto e o iluminismo que configuram este século das luzes vão marcar os seus gostos estéticos e as mentalidades de uma forma decisiva.

Em Portugal, D. João V deixa-se influenciar pelos diplomatas que o cercam – intelectuais estrangeirados (D. Luís da Cunha, Alexandre de Gusmão, Francisco Xavier de Oliveira – o *Cavaleiro de Oliveira* – e Luís António Verney) – e pela riqueza vinda do Brasil.

O descobrimento no Brasil de grandes jazidas de ouro de aluvião permitiu a resolução de alguns problemas financeiros e levou o rei a investir no luxo dos palácios e das igrejas. Ao querer ultrapassar a magnificência do Escorial de Madrid e do Palácio de Versalhes, e em acção de graças pelo nascimento do seu filho, manda construir o convento de Mafra, com a inclusão de um grandioso palácio e uma extraordinária basílica. Por isso, o principal ministro e homem de confiança, o cardeal da Mota (D. João da Mota e Silva), solicita ao Papa o título de “Fidelíssimo” para o rei português, que adquire o cognome de o *Magnânimo*, devido às grandes obras no campo da arte, da literatura e da ciência, como o referido Convento de Mafra, o Aqueduto das Águas Livres de Lisboa, a Real Academia Portuguesa de História, a introdução da ópera italiana, com Domenico Scarlatti <sup>1</sup> (1685-1757), e a Companhia de Pahteti.

D. João V é aclamado rei a 1 de Janeiro de 1707, quando a situação económica do país se apresenta extremamente grave e Portugal se encontra envolvido na Guerra da Sucessão de Espanha. Casa a 9 de Julho de 1708 com D. Maria Ana da Áustria, irmã do imperador austríaco Carlos III. Lisboa, ao receber D. Maria Ana de Áustria para consorte do monarca, apresenta Arcos de Triunfo com alegorias do Sol (símbolo do Rei) do qual se aproxima uma Águia (símbolo da esposa austríaca), ave que o fita, sem sofrer com os seus raios.

A vida sentimental de D. João V está, entretanto, marcada por várias relações: com a madre Paula (Paula Teresa da Silva), do Convento de Odivelas, com quem se envolve durante vinte anos e de quem tem um filho, o infante D. José, que chega a inquisidor-mor; com D. Madalena Miranda, uma freira do mesmo convento, que lhe dá como filho o infante D. Gaspar, mais tarde arcebispo de Braga; e com uma francesa, de quem nasce o infante D. António.

<sup>1</sup> Domenico Scarlatti (1685-1757), filho do compositor Alessandro Scarlatti (mestre de capela da corte da rainha Cristina da Suécia), foi, em Lisboa, desde 1720, professor da infanta D. Maria Bárbara, filha de D. João V. Após o casamento desta com o príncipe Fernando VI de Espanha, Scarlatti acompanhou-a na Corte de Madrid, onde faleceu. Famoso pelas modernas técnicas do piano e do cravo, Scarlatti teve, entre os seus alunos, Carlos Seixas (1704-1742), um dos mais importantes compositores portugueses.

Enquanto o rei se interessa pela ostentação e esplendor da Corte ou pelas suas fugas sentimentais, a Inquisição ocupa-se com a ordem religiosa e a moral, estendendo a sua acção aos campos culturais, sociais e políticos. O rigor e as perseguições do Santo Ofício aumentam no seu reinado, com as vítimas a serem não só os cristãos-novos e os que cometem delitos de superstição, feitiçaria, magia, crença sebastianista, heterodoxia, mas também os intelectuais que, muitas vezes, se vêem forçados a fugir para a Europa culta, donde trazem ideias novas. O dramaturgo António José da Silva, o *Judeu* (1705-1739), que Saramago refere no fim de *Memorial do Convento*, é uma das vítimas da Inquisição.

#### ⇒ O Absolutismo

Doutrina política, o absolutismo defende a concentração dos poderes legislativo, executivo e judicial numa só pessoa. O absolutismo régio estabeleceu-se um pouco por toda a Europa Ocidental, a partir da 2.ª metade do século XV. De acordo com os princípios do absolutismo do século XVIII, o poder do rei provém de Deus, o que lhe permite legislar como entende. Só com as lutas liberais (1820-1834) desaparecerá a monarquia absoluta em Portugal.

#### ⇒ O Iluminismo

Movimento cultural e intelectual, na Europa dos séculos XVII e XVIII, o iluminismo pretendeu dar à razão a capacidade de iluminar ou explicar racionalmente os fenómenos naturais, sociais e religiosos.

Em Portugal, este movimento tem a sua primeira fase com D. João V e os diplomatas que o cercam, como D. Luís da Cunha, Alexandre de Gusmão, Francisco Xavier de Oliveira (o *Cavaleiro de Oliveira*) e Luís António Verney.

Da mescla do absolutismo com o iluminismo surgiu a despotismo esclarecido de D. José e do Marquês de Pombal.

Algumas referências deste movimento são Descartes, Voltaire, Jean-Jacques Rousseau, Montesquieu, imperadores Frederico II da Prússia e Catarina II da Rússia, Diderot, D' Alembert e Mirabeau, Locke e Newton.

#### ⇒ A Inquisição

Também conhecida por Tribunal do Santo Ofício, a Inquisição, criada pelo papa Gregório IX, no século XIII para combater as heresias religiosas que aparecem pela Europa, é confiada aos jesuítas e aos dominicanos, na dependência da Santa Sé. Este tribunal instala-se, no século XIII, em Espanha, na Alemanha e em França, e, no século XVI, no reinado de D. João III, em Portugal. Com frequência, serve o poder instituído, embora a sua acção esteja orientada para o combate às várias heresias e desvios religiosos, incluindo a censura aos livros, às práticas de adivinhação e feitiçaria, à bigamia. Com o decorrer do tempo, passa a ter influência em todos os sectores da vida social, política e cultural, e desde que haja uma denúncia o acusado está sujeito a toda a sorte de torturas físicas e mentais, incluindo a perda de bens e a morte. A força do Tribunal do Santo Ofício é enorme, mas acaba por criar conflitos entre os reis e os jesuítas, até que em 1821 é extinta.

*Memorial do Convento* é uma narrativa histórica que percorre este período de aproximadamente 30 anos da história portuguesa, no reinado de D. João V, entrelaçando personagens e acontecimentos verídicos com seres conseguidos pela ficção. Saramago fundamenta-se na realidade histórica da Inquisição, da família real, do padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão (inventor da passarola voadora) e de muitas das figuras da intelectualidade e da política portuguesas, embora ficcionasse a sua acção.

## II – A Obra

### 1. Título / Conteúdo

O título *Memorial do Convento* apresenta uma carga simbólica quer enquanto sugere as memórias – evocativas do passado – e pressuposições existenciais quer ao remeter para o místico e misterioso. Ao lado da história da construção do convento, com tudo o que de grandioso e trágico representou, surge o fantástico erudito e popular que permite a realização dos sonhos e as crenças num universo de magia.

Em *Memorial do Convento*, o romance histórico convive e entretém-se com o universo mágico criado pela ficção. O Convento de Mafra liga-se ao sonho dos frades que aproveitam a oportunidade de terem um convento, mas reflecte, sobretudo, a magnificência da Corte de D. João V e do poder absoluto, que se contrapõe ao sacrifício e à opressão do povo que nele trabalhou.

A construção do Convento de Mafra, o espectro da Inquisição, o projecto da passarola voadora do Padre Bartolomeu de Gusmão e um conjunto de outros factos que sucederam durante o reinado de D. João V

são corpo a este memorial. Com as memórias de uma época, é um romance histórico, mas simultaneamente social, ao fazer a análise das condições sociais, morais e económicas da Corte e do povo.

## 2. Classificação: tipo de romance

Podemos classificar a obra *Memorial do Convento* como um romance histórico, um romance social e de intervenção e ainda como um romance de espaço:

- **Romance Histórico** ⇒ *Memorial do Convento* oferece-nos uma minuciosa descrição da sociedade portuguesa do início do século XVIII, marcada pela sumptuosidade da Corte, associada à Inquisição, e pela exploração dos operários, metaforicamente apreciados como se de tijolos se tratassem para a obra do Convento de Mafra. A referência à guerra da Sucessão, em que Baltasar se vê amputado da mão esquerda, a imponência bárbara dos autos-de-fé, a que não falta a “alegria devota”, a construção do convento, os esponsais da princesa Maria Bárbara, a construção da passarola voadora pelo Padre Bartolomeu de Gusmão e tantos outros acontecimentos confirmam a correspondência aproximada ao que nessa época ocorre e conferem à obra a designação de “romance histórico”.
- **Romance social e romance de intervenção** ⇒ Próximo da linha neo-realista, preocupado com a realidade social, em que sobressai o operariado oprimido, *Memorial do Convento* apresenta-se também como um **romance social** ao ser crónica de costumes de uma época reinterpretada para servir os objectivos do autor empírico. E, nesta medida, pode afirmar-se como **romance de intervenção** que visa a história repressiva portuguesa da 1.ª metade do século XX.  
Note-se que o passado se presentifica e sugere um presente actuante, quer pela intemporalidade de comportamentos, desejos ou anseios, quer pela denúncia de situações de opressão, repressão e censura no momento da escrita. Em *Memorial do Convento* há uma tentativa de encontrar um sentido para a história de uma época que permita compreender o tempo presente e recolher ensinamentos para o futuro.
- **Romance de Espaço** ⇒ Se optarmos por uma classificação de acordo com os elementos estruturais da narrativa – personagem, espaço e acontecimento – recebe a denominação de **romance de espaço** ao representar uma época, interessando-se não apenas por traduzir o ambiente histórico mas também por apresentar vários quadros sociais que permitem um melhor conhecimento do ser humano. A riqueza do cenário, reconstruindo Lisboa e diversas povoações em seu redor, permite observar: as preocupações com os factos históricos e as vivências do povo humilde; espreitar a intimidade e os deveres conjugais – “duas vezes por semana” – do rei D. João V, que necessita de herdeiros; assistir à construção de um convento em Mafra; recordar a passarola voadora do Padre Bartolomeu Lourenço; ou reviver as perseguições religiosas e políticas da Inquisição. Sempre que pode, uma voz narrativa insurge-se sarcasticamente contra os repressores:

*“Devagar, a terra aproxima-se, Lisboa distingue-se melhor, o rectângulo torto do Terreiro do Paço, o labirinto das ruas e travessas, o friso das varandas onde o padre morava, e onde agora estão entrando os familiares do Santo Ofício para o prenderem, tarde piaram, gente tão escrupulosa dos interesses do céu e não se lembram de olhar para cima, é certo que, a tal altura, a máquina é um pontinho no azul.”*